

**A IMPORTÂNCIA DE LÉVINAS PARA O DEBATE EDUCACIONAL:  
É POSSÍVEL A CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA MODALIDADE  
PEDAGÓGICA QUE PARTA PARA O ACOLHIMENTO DO OUTRO?**

Rafael Ludwig <sup>1</sup>

Ivo Dickmann <sup>2</sup>

[rafael.ludwig@unochapeco.edu.br](mailto:rafael.ludwig@unochapeco.edu.br)

**RESUMO**

A ideia central desta pesquisa é buscar uma nova aproximação entre a ética e a educação através do pensamento levinasiano. Este pensamento nos consegue mostrar novas contribuições e reflexões para contemporaneidade que é marcada por uma profunda crise da unidade da razão e por uma constituição da subjetividade soberana. Evidenciando a época que estamos vivendo, onde se propaga uma grande ideia de indiferença para com o outro, emerge uma problemática de ressignificação e de defesa de uma outra modalidade pedagógica, “outro modo de ensino”, que seja baseado numa educação para o acolhimento e para a abertura de um ensinamento fundado na educação para a alteridade. Portanto, a proposta é investigar uma possível contribuição da ética da alteridade para as reflexões e práticas educativas.

**Palavras-chave:** Educação. Alteridade. Ética.

**Abstract:** The central idea of this research is to seek a new approach between ethics and education through Levinasian thinking. This thought manages to show us new contributions and reflections for contemporaneity that is marked by a deep crisis of the unity of reason and by a constitution of sovereign subjectivity. Evidencing the time, we are living, where a great idea of indifference towards the other is propagated, a problem of ressignification and defense of another pedagogical modality, "another way of teaching", which is based on an education for reception and acceptance, emerges. for the opening of a teaching based on education for alterity. Therefore, the proposal is to investigate a possible contribution of the ethics of alterity to educational reflections and practices.

**Keywords:** Education; Alterity; Ethic.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia e História. Pós-graduado em Docência no Ensino Superior e MBA em Gestão Estratégica de Cooperativas. Mestrando em Educação pelo PPGE da Unochapecó. Bolsista Fapesc/Capes/CNPq. Email: [rafael.ludwig@unochapeco.edu.br](mailto:rafael.ludwig@unochapeco.edu.br)

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia. Mestre e Doutor em Educação pela UFPR. Professor do PPGE em Educação da Unochapecó. Email: [educador.ivo@unochapeco.edu.br](mailto:educador.ivo@unochapeco.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Emmanuel Lévinas, é um filósofo nascido em 1906, em Kaunas, uma cidade da Lituânia. Mas migrou para a Ucrânia logo após a Revolução Russa em 1917, sendo, mais tarde, morador da França, onde cursará filosofia e publicará sua tese de doutorado em Letras. Enquanto morador da França, Lévinas foi motivado por pensadores como Husserl e Heidegger, tendo se dedicado à fenomenologia. Também durante a segunda guerra mundial, será levado para o campo de concentração nazista na Alemanha, onde permanecerá prisioneiro, como judeu. Isso motivou ele a começar a repensar o sentido do outro em nossa existência, originando o seu interesse pela chamada filosofia da alteridade. Após esse período como prisioneiro na qual repensou muitas das suas ideias, o filósofo lituano, publica no ano de 1961, uma das suas principais obras, que é o livro “Totalidade e Infinito”. Todavia, em seguida será nomeado professor na Universidade de *Poitiers*, depois na de *Paris-Nanterre* e na de *Paris-Sorbone*, onde permanecerá por um longo período até quando vir a falecer em 1995.

Para o filósofo lituano, a alteridade do outro é para ele o início do filosofar, o fundamento da razão. A ética é a filosofia primeira e é a mola propulsora por excelência da filosofia. No entanto, a ideia central do seu pensamento, consiste em uma crítica ao pensamento da tradição filosófica do ocidente, que foi capaz de vários atos de violência contra o outro.

A partir disso, precisamos buscar uma nova aproximação entre a ética e a educação, para reavaliar o pensamento ocidental. Entretanto, Lévinas não é somente um crítico da pedagogia ocidental, mas ele consegue mostrar novas contribuições e reflexões para contemporaneidade que é marcada por uma profunda crise da unidade da razão e por uma constituição da subjetividade soberana.

Diante deste contexto, emerge uma problemática de ressignificação e de defesa de uma outra modalidade pedagógica, “outro modo de ensino”, que seja baseado numa educação para o acolhimento e para a abertura de um ensinamento fundado na educação para a alteridade, como uma condição ético crítico do saber, onde o saber totalitário, proveniente da cultura ocidental e ontológica, que prega um ensino voltado somente para um saber técnico-instrumental, possa ser superado, a partir de uma nova

racionalidade ética.

## **A IMPORTÂNCIA DE LÉVINAS PARA O DEBATE EDUCACIONAL**

Em face dos resultados desastrosos, no meio educacional, qualquer balanço que se faça hoje é obrigado a reconhecer: o momento é sem dúvida de crise. O império da razão universal, da razão gloriosa, da razão triunfante, desembocou em políticas sangrentas, em imperialismo, em desprezo da pessoa humana. Isso, para não falar dos desastres do século XX: duas guerras mundiais, a opressão, o genocídio, o holocausto, o terrorismo, o desemprego, a miséria cada dia maior do terceiro mundo, as cruéis doutrinas do fascismo e do nazismo. Lévinas, o filósofo da alteridade, tem plena consciência de que os tempos vigentes estão a lidar essencialmente com uma grande crise.

A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições. No mundo, em que as coisas estão em seu lugar, em que olhos, as mãos e os pés sabem encontrá-las, em que a ciência prolonga a topografia da percepção e da práxis, mesmo ao transfigurar o seu espaço; nos lugares onde se localizam cidades e campos que os humanos habitam ordenando-se segundo diversos conjuntos, entre e os entes; em toda esta realidade “correta”, o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados- em política e técnica resultam na negação dos projetos os norteiam-mostram a inconsistência do homem joguete de suas obras. (LÉVINAS, 1993, p. 82).

Este momento, se bem que possa, de fato, ser descrito de diferentes maneiras, pode também ser compreendido como um instante marcado por uma má-consciência desconfortante, de uma inquietude sem par, de uma agitação inédita no seio do social. O homem que, pelos avanços da ciência e da tecnologia, conseguiu romper as linhas mais altas do céu não foi capaz, entretanto, de encontrar o infinito próximo do rosto do outro homem. Com isso, o que se tem é uma civilização alardeada por ameaças apocalípticas que prenunciam o próprio fiasco do humano. Se, por um lado, a crise atinge as crenças do homem moderno-ocidental no progresso da história, no poder da razão e no seu ideal de paz, por outro, é o próprio humano, antes de tudo, que é colocado em questão.

Vivemos tempos de uma mudança profunda no eixo orientador do processo pedagógico, como um todo, num descolamento do que se convencionou chamar de amor pela sabedoria, para o que se agora pode visualizar como sabedoria do amor a uma ciência ou e a uma filosofia, ambas voltadas a outro contexto de sentidos à vida humana. Isso por termos atrás de nós a dura bagagem de um tempo onde saber e racionalidade tornaram-se sinônimos de barbárie e violência. Daí entrelaçarmos definitivamente o trabalho pedagógico com o desafio ético, não só na postura dos professores e

professora, mas no modo como lemos a bagagem cultural acumulada e o modo como organizamos curricularmente as escolas. Olhar para o currículo das escolas é se encontrar já com esse desafio. E aqui falo na ética como fio condutor do agir pedagógico. Ética traduzida como desafio de responsabilidade e justiça como vimos acima na discussão de Lévinas. A ética deve aqui tornar-se ponto de referência à busca do saber sabido e à compreensão dos problemas existente. Assim, há que se pensar uma escola em que a pretensão por justiça e responsabilidade, como grandes desafios humanos, são elementos de referência para que professores e professoras organizem suas atividades e seus currículos. Não falo, no entanto, de uma escola ideológica, mas uma escola que esteja sintonizada com uma nova leitura do que é humano. (POZZER, 2015, p. 158).

Para tentarmos superar, todo esse momento de crise da unidade da razão, precisamos partir do outro, como um amigo para nós. Precisamos ousar mais, partir do rosto do outro, tanto no campo filosófico, como no campo educativo, para criar condições para passarmos de um humanismo egocêntrico, de um sujeito totalizado, para um humanismo de outro homem, isto é, da ética do indivíduo à ética do rosto e da responsabilidade.

A partir disso, é possível propor uma pedagogia que saiba educar pessoas sem o sentimento de superioridade, isto é, sem o instinto de dominação. Uma pessoa é madura quando sabe acolher a transcendência do outro, que saiba valorizar a própria parcialidade. Trata-se de compreender de maneira ética mas não moralista, que o outro me modifica, me educa, me interpela, e ao mesmo tempo me obriga a uma tomada de posição, a sair da indiferença, para qual ruma o senso pleno e fundamental de responsabilidade.

Entre as consequências mais significativas do acolhimento do outro, como novo paradigma pedagógico, queremos chamar a atenção sobre uma que é a passagem de um sistema educativo cognitivo cêntrico a um sistema educativo mais integral e mais integrado, onde o conhecimento não se acaba na totalidade do fato educativo, o qual se abre estruturalmente à esfera das atitudes e dos comportamentos, ou seja, é diante deste contexto que emerge uma ressignificação e de defesa de um outra modalidade pedagógica.

A tradição filosófica e pedagógica que está radicalizada em nós, é uma cultura do princípio “conhece-te a ti mesmo”. Para tanto, para conhecer, basta a identidade que estaremos conhecendo o essencial. Se quisermos cultivar em nossa tradição uma ética do rosto, uma cultura da reciprocidade, precisamos construir no sujeito que

historicamente foi concebido como dominante, uma aceitação de auto-descentramento.

Neste modo, nascerá a possibilidade de um encontro verdadeiro, fiel, na qual existirá uma situação real e não fictícia. Portanto, nesta situação não se pede somente para ocorrer mudanças no outro, mas em nós também, isto é, todos precisam ser sujeitos das mudanças.

A educação centralizada sob a perspectiva do idêntico rejeita o diferente enquanto tal, e procura retirá-lo e assimilá-lo. Uma educação pensada assim é mãe de indivíduos rígidos, com identidades estruturadas, que não se coloca em discussão. Pensamos ao invés, que a educação deva levar a indivíduos seguros, mas capazes também de colocar-se em discussão e de abrir-se ao novo e ao diferente. Por isso, a educação deve saber valorizar a diferença. O diferente não deve mais ser o potencial perigo para a minha afirmação, mas deve tornar-se uma ocasião de confronto e crescimento. O outro na sua diferença e no seu vir de fora, é sempre um mistério a ser descoberto e um apelo à minha responsabilidade.

Quando projetamos o modelo de educação que entendemos promover, devemos recordarmo-nos do modelo eurocêntrico, mesmo o periférico, que é o nosso caso, e do seu passado cultural.

A herança de tudo isto nos remete a uma obrigação de avaliar atentamente tudo aquilo que dizemos. A atitude predominante não deve mais ser uma tolerância iluminista, que é inadequada aos tempos ao qual vivemos. A cultura européia procurou resolver o problema da diferença com a tolerância, ao qual pertence, porém, a uma escondida contradição. Com efeito, quem tolera tende sempre a colocar-se sobre um plano superior, colocando o tolerado um plano inferior. A situação complexa, que vivemos hoje, não nos concede mais a esta cômoda ambigüidade.

A filosofia levinasiana surge com papel de integrar com aquelas culturas que defendem o papel do intelectual, que desconstrõem com a modernidade começando pelo econômico, que desmontam a dinâmica sócio-econômica da humanidade contemporânea e que desconstrõem a técnica.

Nesse sentido, é preciso elencar algumas problemáticas, que são responsáveis por desafiar o agir ético nesses tempos de crise da unidade da razão, ou de uma razão soberana. Podemos começar a elencar o imperialismo histórico ocidental que se

instaurou e levou o mundo para um modelo de consumo ocidental, para um certo modo de vida, que ao meu ver está nos levando para uma catástrofe, isto é, para ser mais pessimista a um apocalipse, tanto nas questões humanas, quanto nos valores e na questão da natureza. O mundo se organizou em torno do ocidente, as façanhas foram conquistadas em torno deste modelo. Mas se averiguarmos, e se tivermos o mínimo de senso crítico, veremos que isso não se condiz com a realidade, pois basta ver os conflitos e as crises humanitárias que persistem naquele mundo. Através disto é sim possível afirmar que não existe humanidade, onde aqueles que parecem irmãos são antes de tudo súditos de um sistema neoliberal que oprime.

Esse domínio ocidental, não é mais aquela de uma presença real, de um poder humilhante e brutal. Ele se fundamenta sobre forças simbólicas ao qual o domínio abstrato é mais enganador, mas também menos contestável, como a ciência, a técnica, a economia e o imaginário que lhe amplificam os valores do progresso.

Este ocidente que nos é apresentado é muito contraditório, pode-se dizer que nele há uma dupla face. Pois de uma lado fala-se muito de um humanismo de irmãos, mas, por outro lado, isso se realiza excluindo os outros, ou da forma mais banalizada, matando os outros. Sobre essas questões é muito visível, pois olham a quantidade de guerras que houveram e ainda existem, as disputas religiosas por territórios e pelo poder. Para tanto Lévinas nos diz que,

[...] a universalidade não poderia ser senão lateral, segundo a expressão de Merleau-Ponty. Esta universalidade consistiria em poder penetrar uma cultura a partir de uma outra, como se aprende uma língua a partir de sua língua materna. Seria preciso renunciar à idéia de uma gramática universal e de uma língua algorítmica, construída sobre a ossatura desta gramática. Nenhum contato direto ou privilegiado com o mundo das Idéias é possível. Tal concepção de universalidade traduz, em suma, a oposição radical, tão característica de nossa época, à expansão da cultura por colonização. (LÉVINAS, 1993, p. 68).

Se nos questionarmos um pouco mais, e formos analisar as questões humanitárias, veremos que o ocidente sempre tem uma dupla finalidade com os essas ajudas. De um lado o doador, no caso o ocidente, adquire prestígio e do outro o ajudado, torna-se um credor de um débito de reconhecimento que nada pode extinguir. Muitas vezes, as práticas de assistência técnica e o dom humanitário, provindos do centro de poder econômico e político são ações do mesmo gênero da colonização

brutal. Portanto, veremos agora, uma outra problemática, que se apresenta no plano cultural.

Podemos elencar neste momento, no plano cultural, a problemática dos desafios da pluralidade cultural. Nestes desafios plurais podemos englobar as sociedades periféricas, na qual a ocidentalização é uma desculturação, isto é, uma destruição das próprias estruturas econômicas, sociais e mentais. Também nessas sociedades, na qual muitas pessoas habitam, existe uma troca da identidade cultural perdida, por uma falsa condição de pertencer a uma comunidade universal. No que tange, a esses dilemas, não se pode abrir aos problemas dos rostos dos distantes que sofrem em todas as periferias deste planeta. No entanto, a filosofia de Lévinas convida a todos para voltar-se à causa de um terceiro, que aparece por trás das nossas relações pessoais. É constituído pelo rosto de todos os homens, mesmo daqueles que se encontram mais distantes.

É de suma importância, uma educação intercultural na escola, já que muitas vezes se acha que multicultural e intercultural são sinônimos. Mas na realidade, esses dois termos expressam duas etnologias diferentes de impor as relações entre as culturas e seus respectivos povos.

O modelo etnológico da multiculturalidade questiona a ideia de que os hábitos e costumes de um grupo poderiam ser superiores a outras, isto é, não existe um verdadeiro movimento de reciprocidade, até se conhecem ou se encontram mas nas suas diferenças, não entram mais em círculo, em termos de enriquecimento recíproco, ao invés do simples reconhecimento do ponto de vista do outro. Todavia, na perspectiva multicultural o encontro entre as culturas e suas diferenças é vista somente como um processo histórico natural, na qual, em nível educativo, se esboça como modo de limitar os danos sobre si e os outros criando, ao máximo, um modo para adaptar-se, uma pedagogia com a finalidade de integrar todas as dimensões do sujeito, não simplesmente somando, mas em um processo que lance o sujeito ao infinito.

Na concepção antropológica da interculturalidade, temos a proposta de um projeto pedagógico educativo caracterizado no desejo de criar uma verdadeira e própria experiência intercultural. No contexto intercultural se concebe a interculturalidade, não como um objeto de estudo, mas essencialmente como um

evento que se realiza na experiência dos sujeitos. Isto é, na interculturalidade existe somente se o eu se direciona para o outro. Quando Lévinas levanta a questão da descolonização, na segunda metade do século passado, ele certamente antecipa a discussão da pluralidade cultural e nos alerta para a tentativa de uniformização totalizante do fenômeno cultural.

A etnografia mais recente, a mais audaciosa e a mais influente, mantém no mesmo plano as culturas múltiplas. A obra política da descolonização encontra-se assim ligada a uma ontologia – a um pensamento do ser, interpretado a partir da significação cultural, múltipla e multívoca. E esta multivocidade do sentido do ser – esta essencial desorientação – é, talvez, a expressão moderna do ateísmo. (LÉVINAS, 1993, p. 68).

Para que se efetive a experiência intercultural não é necessário, porém, que cada sujeito faça aquilo que é do outro, mas é suficiente para acolhê-lo e logo em seguida poder transferir ao interior de sua subjetividade. Através disto, consegue-se ver na experiência intercultural uma abertura do próprio horizonte. No entanto, torna-se um pesquisador muito hábil das ideias dos outros. Mas quando se perde de vista o outro, quando se direciona as idéias somente para um pensamento egocêntrico, parece se configurar a principal causa da banalização da violência em nosso tempo.

Enfim, para finalizarmos as problemáticas que desafiam o agir ético, precisamos elencar a questão da banalização da violência. Este fenômeno vem sendo objeto de grande preocupação, nas grandes cidades, particularmente a partir dos anos 80. Ele vem adquirindo muita visibilidade social, na qual está preocupando o poder público, e cientistas sociais. Se formos analisar com mais profundidade a violência não é um fenômeno social recente. Mas é possível afirmar que suas manifestações se multiplicam, e o novo parece ser a multiplicidade de formas que assume na atualidade, algumas especialmente graves, na qual sua crescente incidência está chegando a configurar o que se pode chamar de uma "cultura da violência", com o envolvimento de pessoas cada vez mais jovens nesta cultura.

Nossa grande civilização ocidental é este monumento dúbio: sabemos como fazer bilhões de contas por segundo ou como ir a Marte, mas “não sabemos” como livrar o mundo da fome ou respeitar a alteridade de culturas ou pessoas que não se enquadrem em um determinado sistema social, cultural ou econômico (SOUZA, 2008, p. 129)

Diariamente, os diferentes meios de comunicação colocam diante de nossos

olhos, mentes e corações, numerosas cenas onde a violência constitui um componente central, de tal modo que terminamos por naturalizar e banalizar sua realidade e a considerá-la como um mero dado, que faz parte de um mundo competitivo, onde a lógica das relações sociais, e os conflitos estão marcados fortemente por sua presença.

É neste contexto que as questões relativas às relações entre educação e violência vêm emergindo com especial dramaticidade entre nós. Não é fácil definir ou conceituar o que se entende por violência. Por um lado, poderíamos dizer que a mesma oscila na redução dos comportamentos violentos, isto é, naqueles referidos à criminalidade ou à agressão física de maior ou menor gravidade, e por outro lado na ampliação da abrangência do conceito de tal modo que toda manifestação de agressividade, conflito ou indisciplina é considerada como violência. Portanto, talvez o que se pode afirmar que o que especifica a violência é o desrespeito, a negação do outro.

Toda vez que submeto o outro a algum tipo de violência estou contribuindo com a sua anulação, isto é, porque não realizo o humano na sua existência. Precisamos pensar em um futuro melhor para prever homens capazes de reconhecer os outros na sua humanidade, aceitando suas diferenças e suas novidades, homens em grau de possuir uma perspectiva personalista e capazes de pensar a alteridade, como a porta da proximidade.

Percebemos que Lévinas elabora uma ética do outro a partir do conceito de rosto, pois, para ele a experiência última da relação intersubjetiva consiste no situar-se face a face com os homens entre si e no convívio social. Para Lévinas o outro é um existente independente que se manifesta no seu próprio rosto, não sendo fruto de uma consciência constituinte, sentido de um outro, e por isso mesmo é que o outro é transcendência. O rosto do outro não pode ser apropriado pela minha consciência. O outro humano é pessoa e não ente, ou seja, coisa ou até mesmo um objeto que eu posso experimentar. A relação face a face faz emergir a compreensão de que o outro me interpela e de que sou por ele responsável.

No mundo, outrem não é certamente tratado como um coisa, mas nunca é separado das coisas. Não somente ele é abordado e dado por meio da sua situação social; não somente o respeito da pessoa se manifesta por um respeito de seus direitos e de sua prerrogativas; não somente, a exemplo das instalações que nos entregam as coisas, as instalações colocam-nos em relação com as pessoas, as coletividades, a história e o sobrenatural, mas outrem no mundo é o objeto por sua própria roupa. (LEVINAS, 1998, p. 44).

Ao longo dessa nossa exposição buscamos sempre retomar a forma levinasiana de tratar dessa filosofia do rosto, isto é, retomamos constantemente em cada problemática abordada, essa alteridade ética, porque a nossa finalidade é justamente, pensar o nosso objeto de estudo a partir da ética da alteridade, ou seja, pensar a educação a partir da ética da alteridade.

Desse modo, assumindo que as relações que vem acontecendo no contexto da educação devem se colocar em uma perspectiva de relação para o outro, entendemos ser urgente, trazer para o debate educacional um pensamento que procura operar uma estreita relação entre educação e alteridade. Embora Lévinas não tenha tratado de forma direta da problemática da educação em seus escritos, esse trabalho vem procurando realizar uma interpretação de seus conceitos que contribua para um maior diálogo entre educação e a ética da alteridade.

Tudo isso nos instiga a pensar que uma teoria da educação que procura enveredar pela contribuição da ética da alteridade muito tem a contribuir com os conflitos que hoje estão postos, seja no que entendemos como processo educativo, seja simplesmente no interior da escola.

Respiramos para respirar, comemos e bebemos para comer e beber, abrigamo-nos para abrigarmo-nos, estudamos para satisfazer nossa curiosidade, passeamos para passear. Tudo isso não é para viver. Tudo isso é viver. Viver é uma sinceridade. O mundo, tal como se opõe ao que não é do mundo, é o mundo onde habitamos, onde passeamos, onde almoçamos e jantamos, onde fazemos visitas, onde vamos a escola, discutimos, fazemos experiências e pesquisas, escrevemos e lemos livros [...]. (LÉVINAS, 1998, p. 48).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa que foi desenvolvida, teve como ponto principal encontrar no pensamento levinasiano contribuições para o debate educacional e buscar construir uma outra modalidade pedagógica que parta do acolhimento do outro. No entanto, concluímos que o pensamento do filósofo lituano, investigado durante essa pesquisa, tem muito a propiciar para nossa educação.

Cabe, ainda, ressaltar que estamos evidenciando uma época que se propaga uma grande ideia de indiferença para com o outro, nos deparamos com inúmeras ocorrências

de desrespeito em relação aos direitos humanos e até a sua eliminação de forma mais banalizada, emerge a necessidade de um olhar mais ético, de sorte a que possamos repor a dignidade do eu e do outro em seus devidos lugares, com responsabilidade.

Esta ideia de modernidade, que se apresenta, é vista como uma forma de tentar compreender a crescente racionalização do mundo, que é marcada por uma profunda crise da unidade da razão e por uma constituição da subjetividade soberana. Acentua-se nesse caso, uma divisão cada vez maior entre o papel da escola e o papel da família na educação. Pois é preciso que na escola se construa mecanismos para poder promover uma educação que parta para o outro, onde se construa a coletividade e se substitua uma educação individualista e totalizante, e se parta para uma educação do acolhimento, para uma pedagogia da alteridade.

Podemos dizer que essa educação fragmentada, neoliberal, egocêntrica, que está sendo instituída em nossas escolas, está nos levando a construção de pessoas menos humana, menos integrais, ou seja, é uma educação que não se completa, porque está faltando uma parte, que é o outro.

Nesse caso, esse aspecto reducionista, que não contempla o integral, é aquilo que o pensamento de Lévinas tanto critica. Pois, quando encontramos em seus escritos, algo referente a questão da educação ele sempre cita que ela precisa ter uma formação humana integral. Entretanto, não estamos fazendo, ou descartando a formação e transmissão de saberes técnico-científica que cabe ao espaço escolar. Mas, com fundamento no pensamento levinaisiano, estávamos alertando, quanto se faz necessário experimentar novas práticas educativas mais integralizantes e menos fragmentadas.

Como podemos ver durante a elaboração dessa pesquisa, o filósofo lituano não é um agente solitário nessa caminhada, por uma educação mais integral. Muitos autores, vem discutindo essa nova práxis, que se faz urgente no contexto educacional. Precisamos estabelecer novos paradigmas, para buscarmos um equilíbrio entre o saber técnico-instrumental e uma dimensão mais humanizante da educação. E também, quanto a questão da ética da alteridade proposta por Lévinas.

Lévinas é um pensador muito novo para a história da filosofia, mas é preciso dar ênfase ao seu pensamento, e ver que é necessário instaurar uma nova ética, não fundamentada mais na ideia da individualidade, mas no outro que emerge como apelo para a compreensão de um novo mundo.

É necessário “esquecer” o pensamento ocidental, tão difundido nas reflexões e práticas educativas na contemporaneidade, que prima por uma por uma formação voltada ao “eu” e valorizar mais a ideia de Lévinas, que é o da ética como filosofia primeira. Isto, porque simplesmente não é possível, a partir da análise levinaisiana, uma ética em base ao pensamento ocidental, pelo simples fato de ela reduzir tudo a mesmidade.

Talvez o legado mais importante que Lévinas nos deixou é o de que, neste mundo, se faz necessário repensarmos uma liberdade com responsabilidade voltada para o apelo do outro. É necessário sairmos da totalidade do ser e buscarmos a exterioridade, o além, em que a relação ética é possível. Esta relação ética que contenha a liberdade com responsabilidade e que sirva para ir ao encontro do outro que transcende os interesses mesquinhos do eu fechado em si mesmo.

É fundamentado no pensamento semita que Lévinas define a sua filosofia. É este pensamento que faz valorizar o outro doando-se para ele e assumindo sua responsabilidade para com ele. Para que isso aconteça, é preciso buscar uma outra compreensão de mundo, não a que engloba tudo numa totalidade, mas buscar o outro que se dá na exterioridade pela transcendência do rosto. Todavia, compete a nós refletirmos, se essa não seria uma maneira de livrarmos o pensamento filosófico do ocidente de toda essa primazia ontológica reducionista.

Assim, nos cabe, educar para uma formação humana pautada, na presença incondicional do outro. Pois somente, através do rosto do outro, que clama, que interpela, que podemos construir relações éticas. Entretanto, precisamos construir novos parâmetros para as práticas e reflexões educativas, pois as que estão atualmente vigentes, são propostas redutoras, parciais, e que reproduzem fielmente o paradigma ontológico do ocidente.

Contudo, a nossa tarefa, é para uma educação humana e integral, para formarmos pessoas éticas e que estejam abertas a acolher o outro. Para tanto, esse processo precisa começar pela construção de uma relação ética pedagógica por parte do educador, para que ele possa desempenhar essas funções éticas com o educando no seu processo de ensino-aprendizagem. E assim, possamos realizar uma nova proposta pedagógica, que parta do acolhimento, da formação humana e que atenda a multidimensionalidade das pessoas.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Marcos Alexandre; GHIGGI, Gomercindo. Ética como racionalidade aberta à alteridade em Lévinas. In: CREMONEZI, André Roberto; BAPTISTELLA, Rogério. **Sociedade pós-moderna: luzes e sombras**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011, p. 139-154.
- ARENDT, Hannah. A crise na educação. In.: POMBO, Olga (Org. e tradutora). **Quatro textos excêntricos**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Perspectiva: São Paulo, 2004.
- DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana**. Vol. III Erótica e pedagógica. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LÉVINAS, Emanuel. **Totalidade e Infinito**. Portugal: Edições 70, 1988.
- LÉVINAS, Emanuel. **Da existência ao existente**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- LÉVINAS, Emanuel. **O humanismo de outro homem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- LÉVINAS, Emanuel. **De outro modo que ser, o mas Alla de la essencia**. Salamanca: Sigueme, 1987.
- LÉVINAS, Emanuel. **Ética e Infinito**. Portugal: Edições 70, 2000.
- LÉVINAS, Emanuel. **Transcendência e Inteligibilidade**. Portugal: Edições 70, 1991.
- POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas**. Perspectiva: São Paulo, 2007.
- POZZER, Aldecir. Direitos Humanos e educação intercultural: da pedagogia do mesmo à pedagogia da alteridade . IN: POZZER, Aldecir; CECHETTI, Elcio (Orgs.). **Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade: diálogos críticos e reflexivos**. Blumenau: Edifurb, 2015, p.73-92.
- SOUZA, Ricardo Timm ; FABRI, Marcelo. **Alteridade e ética**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

